

## O Nobel de Literatura do húngaro Imre Kertész – contextualização histórica

*Sarolta Kóbori\**

Aqui no Brasil, infelizmente a Hungria é muito pouco conhecida, então o que eu conto sobre o meu país freqüentemente é novidade para todos. Por isso fiquei contente quando o José Cotta me pediu para apresentar a Hungria e passar algumas informações sobre a minha pátria. Lembro do dia em que fiquei orgulhosa e feliz, pois, estando na casa de meus pais, abri o jornal e lá estava escrito que um escritor húngaro havia ganho o prêmio Nobel de Literatura. Mas ao mesmo tempo fiquei triste, pois não conhecia o Imre Kertész. Até então nunca tinha ouvido falar o seu nome. E não só eu me senti frustrada, mas também os grandes intelectuais, os políticos e os professores, que tentaram justificar como era possível que na própria Hungria Kertész fosse pouco conhecido. Tanto assim que a indicação dele para o Nobel não havia partido da Hungria, mas da Alemanha.

Há poucas semanas atrás convidei uma artista húngara, Tünde Albert (nascida na Transilvânia, estudou na Hungria e mora no Brasil há alguns anos), para falar sobre a Transilvânia, em uma das minhas aulas. Essa região, que antes pertencia à Hungria, agora faz parte da Romênia. E Tünde começou a sua fala exatamente assim “Quem sou eu? Quais são as minhas raízes?” Porque a história da Hungria no século XX é exatamente isso: perda de identidade, perda do orgulho nacional. Vários fatos históricos marcantes fizeram com que essa moça, aqui no Brasil, se fizesse essa mesma pergunta feita por Imre Kertész em sua obra: “Quem sou eu?”. Ela comentou que nem gostava de pensar sobre isso, que não gostava de analisar os fatos, tão difícil que ficou essa questão lá na Hungria e também nos territórios perdidos.

---

\* Sarolta Kóbori é da Universidade de Pécs, Hungria; ministra o curso de língua e cultura húngara na FFLCH/USP.

Então nos próximos dez minutos – o tempo que recebi pra falar – vou tentar dar uma idéia do que aconteceu com a Hungria no século XX. A primeira pergunta: onde fica a Hungria? Encravada no meio da Europa Central, seu território hoje equivale mais ou menos ao território do estado de Pernambuco. Mas antes era muito maior.



Mapa atual da Hungria, na Europa Centro-Oeste.

Vocês devem se lembrar do que o Chico Buarque disse sobre a língua húngara, que seria uma língua que até o diabo respeita. É que os húngaros vieram de fora da Europa, da região dos Montes Urais, que fica na Ásia e trouxeram consigo essa língua diferente. No séc. IX conquistaram o território que viria a se transformar no Reinado da Hungria um século depois. Era um povo nômade, guerreiro, que fez a Europa tremer com seus cavaleiros montados e mestres no manejo do arco e flecha.

Até o séc. XX os húngaros sempre se sentiram, fazendo parte de um país poderoso. Porém como se pode ver nesse vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=sBTdBRZmTc0>), depois que termina a 1ª Guerra Mundial, por causa do Tratado de Trianon em 1920 a Hungria vai perder 2/3 de seu território e metade de sua população.



Imagem 2 – Mapa do Reino da Hungria e os territórios que perdeu, por conta do Tratado de Trianon, 1920, para a Áustria, Tchecoslováquia, Romênia e Iugoslávia.

Simplesmente, quem sempre se sentiu parte de um império grande e poderoso, de um dia para outro foi retalhado em vários países. Tanto que por causa desses fatos históricos que levaram a várias diásporas, temos húngaros espalhados no mundo inteiro, inclusive aqui no Brasil. Tem um outro mapa que mostra essa mudança drasticamente [<https://www.youtube.com/watch?v=xzCuru037w>]. Mais tarde, durante a 2ª Guerra Mundial, o Hitler prometeu devolver esses territórios. Parte da Transilvânia foi realmente devolvida, por um curto período de tempo. Mas perdida novamente, logo depois.

E foi nessa época da 2ª Guerra Mundial que o nosso Imre Kertész, juntamente com todos os judeus da Europa, sofreu um grande trauma e a Hungria foi totalmente ocupada pelos nazistas. E depois que a guerra acabou e os nazistas foram derrotados, a Hungria passou a ser ocupada pelas forças soviéticas. Portanto, vejam que o séc. XX inteiro significou guerra, ocupação, perda de identidade, perda do orgulho nacional. Imaginem uma aldeia pequena onde você sabe exatamente quem foi que te entregou, quem te ajudou, quem recusou ajuda, quem se tornou covarde, perdendo confiança no outro ser humano. Logo depois dessa perda de confiança, chegam os comunistas e ainda tomam as suas terras e suas casas também e você tem que entregar tudo que tem. E foi somente no dia 23 de outubro de 1956, que não tem como não comentar, já que hoje estamos comemorando seu 59º aniversário, que o primeiro levante contra a ditadura socialista aconteceu, mas esse grito pela liberdade foi subjugado pelas forças soviéticas duas semanas depois.

Então, o povo húngaro é um povo psicologicamente traumatizado e ferido em seu orgulho nacional, e o novo século nos trouxe essa tarefa da reconstrução e a redescoberta de “Quem sou eu”. Porque este desterro humano, para todo povo húngaro representa uma coisa tão pesada que quando a gente viaja para qualquer lugar e conhece novos húngaros daquele lugar, um deles certamente vai começar a contar a história da Hungria. E vai falar sobre esses traumas, tal como um empresário que perdeu tudo vai passar o resto da vida falando sobre como ele, um dia, havia sido rico.

Agora é tarefa dos políticos, dos intelectuais e dos artistas descobrirem o que aconteceu, analisar e reconstruir uma nova identidade. Vários artistas estão colaborando com essa reconstrução, com a exibição de estátuas, com exposições em museus, como por exemplo,



Imagem 3 – A estátua de Miklós Radnóti, criada por Mikós Melocco, Abda, 1980.

A história de Radnóti é muito chocante já que ele não teve a sorte de sobreviver ao holocausto. Foi assassinado quando caminhava de volta para a Hungria – houve várias dessas marchas famosas, batizadas de marcha da morte –, perto da fronteira da Áustria. O corpo dele foi localizado numa vala comum. Apesar de tudo, durante o campo de concentração e durante a caminhada ele continuava a escrever poemas. E acharam a caderneta com os poemas dentro de sua roupa.

Quem visita a Hungria hoje vê essas estátuas, esses monumentos feitos para relembrar o que aconteceu.



Imagem 4 e 5 – Monumento à beira do Rio Danúbio, em homenagem aos judeus assassinados na beira do rio e atirados às águas.



Esse outro monumento foi feito em 2005: a idéia é de um diretor francês – Can Togay – e foi realizado por um escultor húngaro – Pauer Gyula. São sapatos de judeus que foram executados e atirados ao Rio Danúbio. Ou seja, existem vários movimentos desse tipo, não somente na literatura. E quem passeia por Budapeste pode ver esses monumentos. Tem também a Casa do Terror – *A Terror Háza*. O instituto está no próprio prédio onde aconteceram torturas e perseguições tanto durante o nazismo húngaro quanto durante o período comunista que se seguiu.



Imagem 6 e 7 – Lembranças do terror – primeiro os nazistas, depois os comunistas.

E falando sobre Imre Kertész, seu livro mais famoso *Sem Destino*, que havia sido lançado em 1975, e traduzido por Paulo Schiller em 2003, foi filmado depois que ele ganhou o Nobel. Até 1989, durante o regime comunista, os húngaros não tiveram tantas oportunidades para limpar a alma, mas depois de 1989, de diversas formas, especialmente através da arte, começaram a surgir obras que ajudam a fazer essa reconstrução. Ao ganhar o Nobel, em 2002, Imre Kertész ganhou muita fama para si próprio e para a Hungria, então resolveram fazer o filme. [<https://www.youtube.com/watch?v=ILtOQONWXSA>] [ver a seqüência de 40' que se inicia no minuto 1:14:20 para ilustrar o significado de desterro.] Além desse filme de Kertész, cujo título original é *Sorstalanság*, está passando um outro filme agora aqui em São Paulo, na Mostra Internacional, “O Filho de Saul” [do diretor húngaro László Nemes, um dos destaques do festival de Cannes 2015 e vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro em 2016], cujo tema é semelhante.

Fico muito contente ao ver que, no Brasil, um psiquiatra está pesquisando os sentimentos do ser humano através de um escritor húngaro, com o intuito de mostrar o significado de “ser tratado como ninguém, nem nada”.

Desejo muito sucesso à sua pesquisa e ao seu trabalho, José Cotta.